

SEMINÁRIO “DISSEMINAR A ABORDAGEM LEADER”

ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS EMPRESARIAIS, SETÚBAL, 30 E 31 DE MARÇO DE 2006

INTERVENÇÃO NO PAINEL “OS SETE PRINCÍPIOS DA ABORDAGEM LEADER: MITO OU REALIDADE?”

Bom dia a todos,

É interessante falar num painel que tem esta temática: do mito e da realidade à volta da questão do LEADER. Ao fim de 15 anos ainda falamos nesta questão do mito à volta de uma metodologia que foi dando provas concretas de eficácia e com resultados bem palpáveis no terreno, de qualquer maneira a nossa sensação é que cada vez que entramos num período de transição, a realidade tende a transformar-se em mito. Esperemos que isso não aconteça desta vez também.

Todos estes debates que temos tido à volta da metodologia LEADER, da abordagem LEADER e das associações que estão envolvidas nesta intervenção, tudo isto tem de fazer algum sentido. De facto não quero pensar que a reflexão que andamos a fazer e que o trabalho que andamos a fazer no terreno não têm sentido. Têm de facto algum sentido.

Concordaremos todos que os resultados das avaliações que têm sido feitas ao longo do tempo ao Programa valem alguma coisa e, portanto, deverão ser considerados por todos nós e pela administração para que a estratégia e opções tomadas façam, também elas, algum sentido.

Por outro lado, ouvimos ontem o Jean-Michel Courades da Comissão Europeia apresentar algumas linhas de orientação relativamente à programação que deve ser feita à volta da abordagem LEADER e também isso nos parece que tem de fazer algum sentido.

Por outro lado tivemos também a presença de alguns colegas de outros países da UE que nos falaram do que neste momento está a acontecer em países como a Irlanda, Holanda, Finlândia e Espanha, e parece-nos também que essa reflexão que ontem foi partilhada aqui connosco é um mote importante para a reflexão que temos de fazer aqui também hoje.

Portanto isto tudo tem realmente de nos levar a algum sítio.

Por outro lado, estamos mais uma vez a discutir uma parte da política pública de desenvolvimento rural - que parece que ainda não está suficientemente afinada nem suficientemente discutida e se calhar até é bom que assim seja – de qualquer maneira, temos

de ser pragmáticos de alguma forma e temos de tomar decisões, e é esse o apelo que hoje também queremos fazer à administração que está aqui presente.

Eu não vou alongar-me em falar bem da metodologia LEADER e das especificidades porque já todos as conhecemos, elas já foram suficientemente e sobejamente avaliadas.

De facto chegámos todos à conclusão que estamos perante um modelo inovador que pode ser um modelo precursor da implementação de algumas políticas de desenvolvimento rural e parece-me que podemos dizer mesmo que a abordagem LEADER será as “novas tecnologias” do desenvolvimento local. É de facto uma forma diferente e, estamos em crer, uma fórmula de futuro para o desenvolvimento em espaço rural.

O desafio perante o qual estamos é para todos nós, é para as associações e os territórios rurais, é para a administração e para o País de forma global.

Neste contexto eu gostava de colocar algumas questões ao Ministério e ao Grupo de Reflexão Estratégica na medida em que foi o interlocutor com quem também já tivemos algumas conversas e sabemos que tem um papel determinante na construção do Plano que vai envolver a intervenção do FEADER.

Já há algum tempo que não falamos com o Grupo de Reflexão Estratégica e esta é uma questão muito simples: quando voltamos a falar?

Não tivemos mais notícias, nós participámos no primeiro momento de discussão - pensamos que assim seja - entretanto demos os nossos contributos mas não tivemos mais *feedback* acerca do que entretanto aconteceu. Parece-nos que esta é uma questão importante.

Pergunto também se o Ministério não reconhece as mais valias das parcerias e das competências que foram instaladas em espaço rural pelo Programa LEADER ao longo de mais de 15 anos.

Pergunto também, e esta é uma questão que nos preocupa significativamente, que tem a ver com a questão da dimensão e a coesão dos territórios, portanto com: a forma como a abordagem LEADER vai ser implementada em Portugal?

O Jean-Michel Courades nas observações que nos fez deixou-nos relativamente descansados relativamente a um aspecto: parece que as indicações relativamente aos territórios apontam para territórios entre 10 000 e 100 000 habitantes, o que significa que temos um cenário onde nos podemos colocar naquilo que é desenvolvimento local.

Não é possível fazer desenvolvimento local a uma escala regional ou a uma escala nacional. Desenvolvimento local é desenvolvimento local, tem de ter uma dimensão humana, próxima das pessoas, em que os rostos das pessoas importam e fazem a diferença, é essa a escala onde nós nos colocamos, é essa a escala que caracteriza a Iniciativa Comunitária LEADER.

Por outro lado há uma outra questão -e foi também outro assunto polémico - os célebres mapas com as zonas urbanas e periurbanas. Nós estamos em crer que quando estamos a falar de espaço rural devemos falar de um espaço articulado, com múltiplas dinâmicas, em que umas arrastam outras, portanto não consideramos que seja muito positivo nem sequer muito eficaz que o País seja transformado em ilhas, em bolsas de intervenção que não contribuem de forma nenhuma para um espaço de coesão. Esta é uma outra questão que gostaríamos de deixar.

Há uma outra que tem a ver com a expressão que queremos e que o Ministério quer dar a esta abordagem, essa é uma questão determinante e essencial para nós: que dimensão técnica, que dimensão financeira o Ministério quer dar a esta forma de trabalho?

Tivemos ontem a ilustração de algumas decisões que estão a ser tomadas ou foram tomadas noutros Países da União Europeia, em que houve a vontade de ir mais longe e de apostar firmemente nesta nova forma de fazer desenvolvimento local e portanto nós interpelamos o Ministério, interpelamos o Grupo de Reflexão Estratégica, já que disso se trata: de reflexão estratégica, para partilhar connosco e para reflectir connosco esta questão: será que a abordagem LEADER e o eixo LEADER não configuram de facto esta fórmula e portanto vale a pena apostar seriamente na abordagem LEADER em Portugal?

Fico por aqui.

Muito obrigado.

Regina Lopes

Presidente Executiva da Federação MINHA TERRA